Normal... Anormal...
Identidades Sexuais e
de Gênero na Ed.
Infantil

Prof.ª Marilda de Paula Pedrosa
Prof. Roney Polato de Castro

Rótulos... Marcas... Estigmas

- As sociedades modernas trataram de instituir operações de **classificação** dos sujeitos, a partir dos conhecimentos que foram sendo produzidos sobre determinadas categorias: heterossexual, homossexual, homem, mulher, etc.
- Essas classificações passaram a determinar relações de poder que estabeleceram padrões normativos.

- Os padrões normativos – **NORMAS** – acabam por construir a ideia de um “sujeito médio”, invisibilizando as singularidades e contribuindo para a produção de hierarquias a partir de determinados valores.
- Desse modo, os sujeitos são posicionados de acordo com os padrões de legitimidade: alguns com mais privilégios e outros com menos.

- “A norma, em primeiro lugar, é testemunho de um facto pode ser também um valor [...]. A norma, enquanto média, provém de uma constatação. Mas, esta média, na medida que é a expressão estatística daquilo que é vivido como saúde, exprime um valor: o ponto de equilíbrio pressentido por um sujeito como seu bem. [...] A norma é, em consequência, polaridade. [...] Com efeito, como já pudemos observar, o anormal não encontra fora do normal; a partilha do normal e do anormal é uma espécie de partilha interna, que procede sem exclusão e por inclusão.”

(EWALD, 2000, p.116)

Dicotomias...

- Desconstrução do caráter permanente da oposição binária masculino-feminino – pensamento dicotômico: homem e mulher como pólos opostos que se relacionariam dentro de uma lógica de dominação-submissão.
- Desconstruir significa problematizar a constituição de cada pólo, demonstrando que cada um supõe e contém o outro (cada pólo é plural, internamente fraturado e dividido).

Dicotomias...

- Dentro de uma política cultural da representação, há identidades “normativas” e identidades “subjugadas” – há o “centro” e o “excêntrico”.
- O sujeito masculino, branco, heterossexual, cristão, ocidental (...) tem sido a referência, num processo de produção do “diferente”, do “outro”.

Dicotomias...

- Nas sociedades ocidentais modernas, os binarismos “homem-mulher” e “heterossexual-homossexual” tem ditado o status de normalidade, onde o primeiro termo é considerado “superior” e o segundo “inferior”.
- Porém, ao complexificarmos essas relações binárias, percebemos que há múltiplas formas que constituem cada par – falamos em “mulheres” (feminilidades) e homens (masculinidades), bem como homossexualidades e heterossexualidades.

Caso 1

- Numa sala de aula da Educação Infantil, uma menina levanta sua blusa e mostra para os/as colegas que “tem peitos”, igual à sua mãe. Um dos meninos resolve tocar, por curiosidade. Em seguida, faz o mesmo com outra colega, no que esta o empurra, dizendo que sua mãe havia lhe ensinado que as meninas não devem permitir que os meninos ponham as mãos nos seus peitos ou em sua perereca.

Caso 2

- Uma escola de Educação Infantil estava planejando um “cantinho da fantasia” a ser construído em cada uma das salas de aula. Pretendia-se colocar a disposição das crianças várias roupas e acessórios, maquiagens, esmaltes, escovas de cabelo, etc. Porém, num determinado ponto da discussão, uma das professoras fez um questionamento: “os meninos também poderão usar maquiagem?”. Outra professora, alertada pela reflexão da colega, também questionou: “e se algum menino quiser usar vestido? Ou pior, e se os pais ficarem sabendo que seus filhos usam maquiagem na escola?”.

Caso 3

- Fazendo um trabalho com histórias infantis, uma escola resolveu confeccionar junto com alunas e alunos algumas bonecas, que seriam levadas para casa. No dia seguinte, um dos alunos chega à sala com a boneca queimada e diz que seu pai a queimou porque “homem não brinca de boneca”.

Caso 4

- Uma professora relatou que em sua escola havia duas crianças que pareciam representar o modelo do “machinho” e o modelo do “filhinho da mamãe”. Enquanto o primeiro era cobiçado pelas meninas e tinha jeito de “garanhão”, o outro era “arrumadinho”, trazia seus carrinhos e gostava de pular corda com as meninas durante o recreio. O primeiro menino sempre se referia ao outro como “bichinha”, deixando-o constrangido diante dos/as colegas.